

PETER ROBERTS E PAULO FREIRE: “COMPANHEIROS DE VIAGENS”

Eduardo Arriada*
Gabriela Medeiros Nogueira**
Mônica Maciel Vahl***

Em um continente há mais de doze mil quilômetros de distância do Brasil, há um professor que estuda e pesquisa sobre Paulo Freire desde a década de oitenta, desenvolvendo um trabalho sistemático até os dias de hoje. Peter Roberts é neozelandês e trabalha na Universidade de Canterbury, na cidade de Christchurch – Nova Zelândia. Em sua caminhada acadêmica também exerceu a docência na Universidade de Auckland e de Waikato, neste mesmo país. Grande parte de seus estudos e investigações concentram-se na área da Filosofia da Educação, tendo como escopo ética, políticas públicas, globalização, neoliberalismo, literatura e educação. Dentro destes temas, Paulo Freire desponta como um dos teóricos mais utilizados em suas análises.

Conhecemos Peter Roberts como professor, pesquisador e orientador². Neste encontro e na convivência que temos, fomos percebendo a relevância de seu trabalho ao longo de mais de trinta anos estudando, pesquisando e utilizando Paulo Freire. Sendo assim entendemos a necessidade de dar visibilidade a este pesquisador no cenário brasileiro, uma vez que não há nenhum texto seu traduzido para a Língua Portuguesa e tampouco vem sendo citado no Brasil com um pesquisador que escreve sobre Freire. Tendo ciência do importante papel que Roberts tem como pesquisador e como propulsor de outras pesquisas que tem em Freire um potente referencial, apresentamos a entrevista que realizamos em junho de 2019³, a fim de que suas ideias passem a ser conhecidas no universo acadêmico brasileiro.

No final dos anos 80, Peter teve a oportunidade de cursar um seminário dirigido pelo professor Colin Lakshear da Universidade de Auckland, o qual trabalhava com diversos textos de Paulo Freire. Como a maioria da produção de Paulo Freire estava

1 * Professor na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Coordenador do Centro de Documentação – CEDOC.

2 ** Professora na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Coordenadora do Grupo Estudo e de Pesquisa em Alfabetização e Letramento – GEALI.

3 *** Tutora na University of Canterbury.

4 Mônica Maciel Vahl foi sua orientanda de doutorado na Universidade de Canterbury entre os anos de 2015 e 2018. Eduardo Arriada e Gabriela Medeiros Nogueira estão realizando pós-doutorado em 2019 na Universidade de Canterbury sob a sua orientação.

5 A entrevista foi realizada da seguinte forma: enviamos as questões para Peter Roberts por e-mail e prontamente ele respondeu por escrito. Ao ler suas respostas tivemos interesse em outros aspectos, desse modo acrescentamos algumas questões, as quais foram respondidas da mesma forma.

traduzida para o inglês desde aquela época, Peter Roberts contou com a facilidade do acesso para aprofundamento de suas principais ideias e conceitos. Embora reconheça o papel e relevância que diversos intelectuais tiveram na sua formação, dentre eles, Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Dostoiévski, Unamuno, Weil, Hesse, Camus, Beauvoir e Murdoch, ressalta o impacto que o conjunto das ideias de Paulo Freire teve na sua caminhada intelectual. Salienta, com humildade e generosidade, peculiar de sua pessoa, que de todos esses intelectuais, talvez Freire “tenha sido uma figura-chave no meu desenvolvimento intelectual”.

Diversos dos conceitos observados na obra de Freire, como cuidado, compromisso, conscientização, humildade, rigor, foram ideais que almejou como profissional e ser humano. Compartilhou também com Freire a ideia que a própria educação é um projeto inacabado; de que educar é um ato de coragem que implica comprometimento, saber, sensibilidade e ousadia.

O primeiro artigo de Peter Roberts que tem Paulo Freire como foco é “Paulo Freire and Science Education”, publicado em 1989, demonstra um longo envolvimento com a perspectiva freiriana. Percurso que permanece até hoje, perfazendo uma vasta produção intelectual sobre o pensador brasileiro (Roberts, 1996, 1998, 1999, 2003, 2010). Conforme o próprio Roberts coloca “Eu publiquei meu primeiro trabalho sobre Freire em 1989 e nas três décadas seguintes terminei vários livros, além de artigos científicos e capítulos”. Constituindo-se, com certeza, um dos mais profícuos pesquisadores sobre Paulo Freire fora do Brasil.

Em muitos desses textos, Peter Roberts debruça-se sobre o vasto campo epistemológico de Freire, abordando temas como alfabetização, políticas públicas educativas, poder, conscientização, leitura, conhecimento e utopia. Discutindo, reelaborando o pensamento de Freire, divergindo dele, propondo novos rumos, mas sempre no sentido e na busca daquilo que o próprio Freire denominava “inacabamento do homem”. Destaca, ainda, que as nossas certezas de hoje, podem ser a dúvida de amanhã, que é, de certa forma, a essência do campo da filosofia. O conhecimento, como resultado permanente de processos de aprendizagem, deve sempre ser questionado. Educador e educando estão constantemente se transformando, um aprendendo com o outro.

Sua intenção tem sido fornecer uma análise detalhada da ontologia, ética, epistemologia e teoria educacional de Freire. Na perceptiva de Roberts, Paulo Freire é um pensador pedagógico complexo, e seu trabalho exige constantes releituras e

permanentes discussões. Freire morreu em 1997, mas suas obras continuaram sendo reeditadas e passado mais de vinte anos, suas ideias são tão atuais e relevantes quanto antes. Como Roberts esclarece na entrevista, “nunca parei de ler e refletir sobre o trabalho dele.”

No entender de Peter Roberts, Paulo Freire é um autor relativamente conhecido no ambiente acadêmico da Nova Zelândia. Muitos cursos acadêmicos usam os escritos de Freire como referência em diferentes campos do saber, como no caso dos estudos de política, sociologia, estudos culturais, comunidades indígenas, enfermagem, estudos sobre a paz, etc. Como exemplo da influência de Paulo Freire no contexto da Nova Zelândia, destacamos o Simpósio organizado na Universidade de Auckland logo após o seu falecimento e a conferência internacional na Universidade de Waikato, realizada em 2012.

Além disso, a Nova Zelândia, como o Brasil e muitos outros países, tem estado sujeita a um amplo processo de reforma política pautada pelo neoliberalismo desde os anos oitenta. Esse processo, ainda em curso na Nova Zelândia, tem impactado todo o setor educacional nas últimas três décadas. Desse modo, a crítica elaborada por Freire ao pensamento neoliberal, tem ajudado a compreender melhor e a criticar este contexto.

Não resta dúvida, que em sua caminhada intelectual, Peter Roberts em diversos momentos cruzou com o pensamento de Paulo Freire muitas vezes, ressignificando-o. Suas experiências de mundo, suas amplas e profundas leituras, sua sensibilidade pelas incoerências do ser, seu senso de justiça e respeito, em muitos pontos se aproximam com o conjunto das ideias de Freire. Sua vida intelectual de longos anos, vai se constituindo e vai sendo influenciada pelo “companheiro de viagem” (*fellow traveller*), carinhosa expressão utilizada por Peter Roberts em sua entrevista, ao esclarecer que: “nunca me vi como um “seguidor” de Freire. Em vez disso, penso em mim como um “companheiro de viagem”.

São saberes constituídos na prática e na reflexão. Práticas essas, que se tornam reflexão por meio das leituras, do pensar e repensar constante. Em um movimento dialético da leitura para a escrita e da escrita para a leitura, vem construindo e desconstruindo ideias e conceitos. Roberts escreve com compromisso e cientificidade e ao mesmo tempo, procurando fundamentar essa escrita no lastro das experiências vividas. Nada por acaso, nada solto e sem articulação. Tudo com muita leitura, cautela e profunda reflexão, antes, durante e depois do escrito. Leitura e escrita de mãos dadas. Irmãs no ato de construir o conhecimento.

Um ensinamento de Roberts a partir de seu diálogo com Freire, é que nunca

devemos ter certeza de nossas certezas. Temos que criar as possibilidades para que pensemos de maneiras diferente as diversas realidades sociais. Com Freire, ele aprendeu a importância do diálogo estruturado e intencional e tenta promover isso em suas aula na universidade. Busca encorajar seus alunos a fazer perguntas e fazer articulações entre as suas ideias e as preocupações sociais e políticas mais amplas.

O professor Peter Roberts, vem demonstrando ao longo dos anos, seriedade e compromisso com que realiza os seus estudos, isso é perceptível no modo que expressa suas ideias tanto em sua fala quanto em seus escritos. Ele recusa o simples, o imediato, e o que não possui profundidade. Ser parceiro de caminhada de Freire, sem por isso deixar de ser ele mesmo, com as suas incompletudes e divergências.

Por fim, cabe colocar que ter tido a oportunidade de entrevistar Peter Roberts, foi um grande privilégio. Nós tornamos, de certa forma, companheiros de viagem de Peter também. Desejamos portanto, compartilhar sua entrevista com a comunidade acadêmica que entende e reconhece o legado de Paulo Freire para a educação brasileira.

ENTREVISTA COM PETER ROBERTS: ENCONTRO E DIÁLOGO COM FREIRE⁶

Entrevistadores – Você pode nos contar sobre seu primeiro contato com o trabalho de Freire?

Peter Roberts – Eu fui apresentado ao trabalho do Freire por Colin Lankshear na University of Auckland no início dos anos 80. Colin foi um mentor importante para mim e um professor inspirador. Freire apareceu perto do final de uma disciplina que ele lecionava (com Jim Marshall) sobre o pensamento ocidental sobre educação. Imediatamente, achei que as ideias de Freire eram cativantes e aproveitei as oportunidades que tive para explorá-las mais profundamente em estudos futuros.

Entrevistadores – Você tem estudado e escrito sobre Freire há várias décadas. Como a sua relação com o trabalho de Freire mudou ao longo do tempo?

Peter Roberts – Após meu primeiro encontro com Freire mais de 35 anos atrás, eu nunca mais parei de ler e refletir sobre seu trabalho. Eu publiquei meu primeiro

6 Tradução da entrevista para Língua Portuguesa de Lígia Beskow de Freitas

trabalho sobre Freire em 1989 e nas três décadas seguintes terminei vários livros, além de artigos científicos e capítulos. A teoria pedagógica do Freire também tem desempenhado um papel crucial na formação da abordagem que dou ao ensino e à supervisão em nível universitário. Aconteceu de o início da minha carreira acadêmica (em 1988) coincidir com um período extremamente produtivo na vida do Freire como escritor. Na década anterior à sua morte em 1977, Freire publicou numerosos livros, tanto sozinho quanto em colaboração com outros, logo, não havia escassez de materiais novos com os quais eu pudesse me envolver (veja, por exemplo, Freire, 1993, 1994, 1996, 1997, 1998a, 1998b, 1998c; Freire & Faundez, 1989; Freire & Macedo, 1987; Freire & Shor, 1987; Horton & Freire, 1990). Muitos educadores que ouvem falar sobre Freire só têm conhecimento de *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1972). Não é difícil de ver porque esse livro é considerado um texto clássico, mas também é importante ler as publicações posteriores de Freire.

Como eu mencionei em outra ocasião (Roberts, 2010), eu nunca me vi como um ‘seguidor’ do Freire. Ao contrário, penso em mim como um “companheiro de viagem”. Como professores, pesquisadores e cidadãos, estamos todos tentando encontrar nosso caminho no mundo e Freire pode nos ajudar nessa jornada, mas isso não significa que precisamos concordar com tudo que ele escreveu nem procurar um plano para as nossas atividades baseado no modo no qual ele viveu sua vida. Freire ativamente encorajou seus leitores a adotar uma postura crítica quando encontravam seu trabalho. Para mim, assim como para Freire, tal conduta também tem que ser respeitosa. Temos que ouvir o autor de forma justa, procurando com afinco o que é potencialmente valioso em seu trabalho, além de também estarmos dispostos a fazer algumas perguntas instigantes. Devemos, como Freire teria dito, estar prontos tanto para desafiar quanto para sermos desafiados pelo que estamos lendo.

Embora Freire tenha sido uma figura crucial no meu desenvolvimento intelectual, claro que ele não foi a única influência no meu trabalho. Minhas leituras de outros pensadores e romancistas como Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Dostoevsky, Unamuno, Weil, Hesse, Camus, Beauvoir e Murdoch têm me ajudado a entender melhor os pontos fortes e as limitações do trabalho de Freire. Minhas primeiras publicações sobre Freire abordavam temas como a conscientização (Roberts, 1996a), a distinção entre intervenção e imposição (Roberts, 1996b, 1999a), estrutura, direção e rigor na educação libertadora (Roberts, 1996c) e alfabetização crítica (Roberts, 1996d, 1998, 2005a). Tenho argumentado em favor de uma abordagem holística, contextualizada e anti-tecnocrática

na busca pela compreensão do trabalho de Freire (Roberts, 2000). À medida que a minha leitura de outras áreas de conhecimento se expande, eu tenho refletido sobre a teoria Freiriana ao abordar questões relativas à diferença (Roberts, 2003a), razão e emoção (Roberts, 2008), pós-modernidade (Roberts, 2003b), neoliberalismo (Roberts, 2010), educação superior (Roberts, 2017a), felicidade, esperança e desesperança (Roberts, 2016) e utopia (Roberts & Freeman-Moir, 2013). Também comparei as ideias de Freire com as de outros escritores, tanto dos literários quanto dos filosóficos (Roberts, 2005b, 2007, 2012, 2017b). Na minha experiência, o trabalho de Freire pode ser útil à abordagem de muitos problemas que são significativos para os educadores.

Entrevistadores – Em alguns de seus artigos e livros, observamos um esforço para ligar Freire a autores de trabalhos literários, o que não é muito comum no Brasil. Você pode fazer alguns comentários sobre esse aspecto do seu trabalho?

Peter Roberts –Ao longo dos anos, um certo número de filósofos tem se aproximado da literatura para abordar questões éticas (por ex., Cunningham, 2001; Novitz, 1987; Nussbaum, 1990; Weston, 2001). Se as ideias são importantes para nós, e se a filosofia deve se tornar um modo de vida, ao invés de um mero exercício acadêmico (veja Bradatan, 2015; Hadot, 1995), a literatura oferece um complemento útil às fontes tradicionais de não-ficção. A maioria dos escritores mais conhecidos na tradição existencialista foi bem-sucedida em ambos domínios, o literário e o filosófico. Esses pensadores contribuem para o entendimento ético, não apenas através de seu trabalho filosófico, mas também através de seus romances, histórias e peças (compare Beauvoir, 1948, 1992, 1997, 2005; Camus, 1958, 1960, 1989, 1991a, 1991b, 2000; Sartre, 1965, 2007; e Unamuno, 1972, 1996, 2000). Outro exemplo mais recente de uma figura literária respeitada que foi também uma ótima filósofa é Iris Murdoch (veja Murdoch, 1993, 1999, 2001). Ela foi uma prolífera romancista, mas também lecionou filosofia em Oxford e desenvolveu uma abordagem diferente para a ética, baseada na noção de atenção de Simone Weil (1997, 2001).

Para esses escritores e para outros, a literatura somente às vezes serve de veículo para transmitir princípios morais diretamente (por ex., através de longas falas filosóficas feitas pelos personagens principais). Geralmente, as ideias éticas emergem indiretamente através de diferentes elementos do cenário, personagem, enredo e diálogo. Os filósofos estão preocupados em desenvolver argumentos coerentes, coesos e sólidos e,

frequentemente, têm que lidar com abstrações nesse processo. Um romancista não fica limitado exatamente dessa forma. Trabalhos literários focam mais em *particularidades*; em moralidade entendida e encenada por personagens específicos em certas situações e contextos imaginados. Ler um romance ou uma peça ou um poema não necessariamente nos faz ‘pessoas melhores’; não há relação direta de ‘causa e efeito’ entre a literatura e a moralidade pessoal ou a conduta ética. Mas o engajamento constante com a literatura pode, com o passar do tempo, nos ajudar a valorizar mais a riqueza e a complexidade dos relacionamentos humanos, os desafios que enfrentamos ao abordarmos dilemas morais e os modos pelos quais ideias, decisões e ações são moldadas por circunstâncias sociais e culturais mais amplas (veja Roberts & Saeverot, 2018).

A teoria Freiriana se presta bem para a análise literária, principalmente quando examinamos autores que têm um forte foco educacional em seus trabalhos literários. Hermann Hesse é um bom exemplo. Em seu romance *O Jogo das Contas de Vidro* (Hesse, 2000b), Hesse fornece um retrato rico e multifacetado de crescimento educacional. Seu personagem principal, José Servo, passa por o que pode ser visto como um processo de conscientização. Ele desenvolve uma visão cada vez mais crítica sobre Castália, a sociedade fictícia – uma ‘província pedagógica’ do futuro – na qual ele vive. Ele não chega à essa visão rapidamente, nem por si próprio. Ao contrário, Hesse mostra, através do paciente desenvolvimento de sua narrativa como a formação de Servo, como um ser crítico, é moldada pelos seus encontros dialógicos com outros (por ex., Plínio, um visitante de fora da comunidade Castaliana, e Padre Jacobus, um monge Beneditino). Servo chega a um entendimento mais detalhado de si mesmo e de seu mundo através desses relacionamentos.

Um termo persistente no trabalho de Freire é a importância da abertura – a novas ideias, formas alternativas de organização social e novos modos de vida (veja, por ex., Freire, 1976, 1997, 1998b). Em *O Jogo das Contas de Vidro*, Hesse também explora esse tema. Através de seus diálogos com outros, Servo começa a ver que os Castalianos são fechados demais, convencidos demais em suas visões; lhes falta um sentido de história e de seus próprios privilégios. Servo age de acordo com suas reflexões críticas, tentando persuadir outros líderes da sociedade Castaliana a mudar, mas seus colegas são incapazes de romper com suas atitudes e práticas tradicionais. Servo dá um passo corajoso e deixa para trás tudo o que ele sabia, demitindo-se de seu estimado cargo como Magister Ludi (Mestre do Jogo) para assumir a tarefa de ensinar o filho de seu ex-parceiro de diálogos, Plínio. Esse é, em termos Freirianos, um

movimento profundamente corajoso e, aqui, há lições para todos que ‘ousam’ ensinar (Freire, 1998a). Tanto Hesse quanto Freire mostram que ensinar requer comprometimento diante da incerteza. Ensinar carrega um sentido de cuidado e responsabilidade para com outros. É um processo arriscado e exige muito de nós, não apenas intelectualmente, mas também fisicamente e emocionalmente (veja mais em Roberts, 2007, 2012.)

FREIRE NA NOVA ZELÂNDIA

Entrevistadores – Você acha que Paulo Freire é um autor conhecido na Nova Zelândia?

Peter Roberts – Muitos que lecionam disciplinas em cursos de educação em universidades da Nova Zelândia terão alguma familiaridade com o trabalho de Freire. Ele também influenciou estudiosos e ativistas da Nova Zelândia em uma variedade de outras áreas, incluindo teologia, política, sociologia, estudos indígenas, estudos culturais, enfermagem, estudos em reabilitação, trabalho social e estudos para a paz.

Uma série de eventos com foco em Freire tem sido realizados na Nova Zelândia ao longo dos anos. Dois exemplos são um simpósio organizado na Universidade de Auckland logo após sua morte e uma conferência internacional sediada pela Universidade de Waikato em 2012. Ambas iniciativas levaram à publicação de livros, uma com foco específico na relevância das ideias de Freire para educadores na Aotearoa – Nova Zelândia (Roberts, 1999b) e a outra, com um foco mais amplo no legado global de Freire (Peters & Besley, 2015).

Várias teses de doutorado notáveis sobre temas Freirianos também têm sido defendidas por estudiosos em universidades da Nova Zelândia. Exemplos de anos recentes incluem a tese de David (Keqi) Liu sobre o aspecto da ‘consciência’ da conscientização (mais tarde publicada em livro: Liu, 2014), a crítica de discursos sobre o engajamento de alunos de Bernadette Farrell à luz das ideias de Freire e Dewey (Farrell, 2018) e a análise Freiriana de Monica Vahl sobre a política de alfabetização no Brasil de 1971 a 1989 (Vahl, 2018).

Entrevistadores – Qual é a relevância de estudar Freire na Nova Zelândia?

Peter Roberts – A Nova Zelândia, assim como o Brasil e muitos outros países, tem sido submetida a um processo abrangente de reforma de políticas neoliberais. Esse processo está em andamento na Nova Zelândia desde 1984 e os impactos têm sido sentidos no setor da educação nas últimas três décadas. Na educação superior, em particular, agora há uma forte ênfase na competição, individualismo, performatividade, responsabilização e avanço econômico. As universidades agora parecem corporações, com práticas de gerenciamento e monitoramento trazidas do mundo dos negócios. O conhecimento é visto como algo a ser comercializado e vendido e somas consideráveis de dinheiro são destinadas à publicidade e à ‘marca’. Em seus últimos trabalhos, Freire foi extremamente crítico em relação ao neoliberalismo e à ética do mercado. O fato de levar as ideias de Freire a sério proporciona uma forma de explorar ativamente alternativas sociais e econômicas para o neoliberalismo.

Freire também tem muito a oferecer aos professores em todos os níveis do sistema educacional da Nova Zelândia. Suas ideias pedagógicas são construídas sobre uma base filosófica robusta, com uma ontologia, epistemologia e ética bem desenvolvidas. Através de seu próprio exemplo, Freire permite que os professores vejam como a teoria e a prática podem e devem ser entrelaçadas. Ele ajuda os professores a valorizar a importância de princípios pedagógicos essenciais subjacentes, sem obsessão por métodos e técnicas. Ele nos lembra que devemos pensar profundamente sobre os propósitos de ensinar e aprender e o valor da vida humana.

Entrevistadores – Como você acha que a sua leitura de Freire afeta suas aulas e seus alunos?

Peter Roberts –Gostaria de pensar que a influência das ideias Freirianas se evidencia de várias formas no meu ensino, tanto nas aulas de graduação quanto na minha supervisão de alunos do Mestrado e do Doutorado. Algumas das principais virtudes éticas e educacionais que Freire defendeu – cuidado, comprometimento, humildade, atenção, abertura e rigor, por exemplo – fornece ideais aos quais eu aspiro. Há sempre mais trabalho a fazer ao tentar trazer aquelas virtudes à vida, mas essa é também uma lição. Freire nos ensinou: nós permanecemos seres inacabados e nossa própria educação deve ser um processo vitalício. Com Freire, aprendi a importância de um diálogo estruturado e intencional e tento promover isso nas salas de aula da

universidade. Eu encorajo os estudantes a fazer perguntas e estabelecer conexões entre as ideias que consideramos e preocupações sociais e políticas mais amplas. Como Freire frequentemente colocou, há limites para o que a educação pode fazer, mas também não há dúvida que ensinar pode desempenhar um papel crucial na transformação de vidas humanas.

Entrevistadores – Considerando o momento político que estamos vivendo agora, que lições poderíamos aprender com Freire?

Peter Roberts – Nós vivemos em uma era chamada de ‘pós-verdade’. Freire diria que a busca da verdade ainda deveria ter importância, tanto agora quanto em qualquer outro momento da história humana. Entretanto, ele nos advertiria contra nos tornarmos certos demais de nossas certezas; devemos sempre permanecer abertos à possibilidade de ver o mundo de outra maneira. Em partes do nosso mundo atual, também vemos o crescimento de discórdia e ódio; Freire enfatizou a necessidade de unidade na diversidade. Ele queria que nós valorizássemos as nossas diferenças e que as víssemos como essenciais para uma vida democrática saudável. A ideia de ‘diferença’ não discorda da noção Freiriana de diálogo; ela é central nesse caso. Sem diferença, não há qualquer coisa a nos impulsionar no nosso pensamento, nada a fornecer a substância para reflexões e discussões críticas.

Um número de educadores tem abordado o fenômeno ‘pós-verdade’ (por ex., Farrell, Angel & Vahl, 2017; Harrison & Luckett, 2019; Horsthemke, 2017; Gibbs, 2019; Peters, 2017) e tenho certeza que veremos muitos outros estudos nessa área nos próximos anos. A ‘verdade’ sempre será relevante no domínio educacional, independente de mudanças na forma como esse termo é entendido por diferentes grupos em tempos distintos. Freire via a universidade como um lugar onde os estudantes devem encontrar e explorar ideias concorrentes (veja Escobar *et al.*, 1994). Ao invés de simplesmente aceitar as informações da forma como aparecem na internet, os estudantes deveriam examiná-las mais profundamente, indo além das aparências superficiais. ‘Fatos alternativos’ e ‘notícias falsas’ precisam ser expostos pelo que são: mentiras que servem a certos interesses.

PETER ROBERTS AND PAULO FREIRE: “FELLOW TRAVELLERS”⁷

Eduardo Arriada*
Gabriela Medeiros Nogueira**
Mônica Maciel Vahl***

In a continent about twelve thousand kilometres away from Brazil, there is a professor who has systematically studied and researched into Paulo Freire since the 1980's. Peter Roberts was born in New Zealand and has worked at the University of Canterbury, located in Christchurch, New Zealand. In his academic career, he also taught at both the University of Auckland and the University of Waikato in his country. Most of his studies and investigations have focused on the area of Philosophy of Education, mainly on Ethics, public policies, globalization, neoliberalism, literature and Education. Concerning these themes, Paulo Freire has stood out as one of the theoreticians that has been mostly used by Peter Roberts in his analyses.

We have known Peter Roberts as a professor, a researcher and an advisor¹¹. After having met him and spent some time with him, we have noticed the relevance of his work, which has been carried out over thirty years, studying, researching and using Paulo Freire's ideas. Therefore, we understand the need to make the Brazilian get to know him, since none of his texts has been translated into Brazilian Portuguese. Besides, he has not been cited in Brazil as a researcher who writes about Freire. Being aware of the important role played by Roberts both as a researcher and a motivator of other studies that use Freire as a fundamental reference, we would like to share the interview that we made with him in June 2019¹², so as to spread his ideas in the Brazilian academic community.

At the end of the 1980's, Roberts had the opportunity to attend a seminar that was held at the University of Auckland by Professor Colin Lakshear, who used to work with several texts written by Paulo Freire. Since most of Paulo Freire's production had

7 Introduction translated by Lígia Beskow de Freitas.

8 * Professor in the Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Documentation Centre Coordinator – CEDOC.

9 ** Professor in the Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Reading and Writing Study and Research Group Coordinator – GEALI.

10 *** Tutor at the University of Canterbury.

11 Mônica Maciel Vahl was his doctoral advisee at the University of Canterbury from 2015 to 2018. Eduardo Arriada and Gabriela Medeiros Nogueira have attended their post-doc programs at the University of Canterbury under his guidance in 2019.

12 The interview was conducted in the following way: we sent the questions by e-mail to Peter Roberts, who immediately answered them. After Reading his answers, we got interested in other issue. Then, we asked some more questions, which were answered in the same way.

already been translated into English, Peter Roberts could count on this easy access to deepen his main ideas and concepts. Even though he acknowledges the role and relevance played by other scholars, such as Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Dostoyevsky, Unamuno, Weil, Hesse, Camus, Beauvoir and Murdoch, in his formation, he emphasizes the impact that Paulo Freire's ideas, as a whole, have had on his intellectual journey. He highlights, with humbleness and generosity – typical features of his personality –, that Freire may be the thinker who “has been a key figure in my intellectual development”.

Several concepts found in Freire's work, such as care, commitment, conscientization, humility and rigor, were fundamental to his professional and personal journey. With Freire, he also shared the idea that Education itself is an unfinished project and that educating someone is an act of courage which implies commitment, knowledge, sensitivity and dare.

The first paper on Paulo Freire written by Peter Roberts entitled “Paulo Freire and Science Education” was published in 1989, a fact that shows his long-lasting involvement with the Freirean perspective. He keeps working and has triggered a vast intellectual production of the Brazilian thinker (Roberts, 1996, 1998, 1999, 2003, 2010). Roberts highlights that “I published my first paper on Freire in 1989 and over the next three decades completed several books, along with journal articles and chapters.” He has certainly become one of the most relevant scholars who researches into Freire out of Brazil.

In several of his texts, Peter Roberts devotes himself to Freire's vast epistemological field and addresses relevant themes, such as literacy, public policies on Education, power, conscientization, reading, knowledge and utopia. He discusses, re-elaborates Freire's thought, disagrees with him and proposes new ways; however, he always does it in the sense and in search for what Freire used to call “unfinished beings”. He also emphasizes that our current certainties may become our future doubts, a fact that is, in a way, the essence of the Philosophy field. Knowledge, as the permanent result of learning processes, must always be questioned. Both an educator and a learner are constantly transforming each other; one learns with the other.

Roberts has aimed at providing a detailed analysis of Freire's Ontology, Ethics, Epistemology and educational theory. From Roberts' perspective, Paulo Freire is a complex pedagogical thinker whose work requires constant re-reading and permanent discussion. Freire died in 1997 but his texts keep being published and his ideas are as

present and relevant as they have been in these twenty years. Roberts clarifies in his interview: “I’ve never really stopped reading and reflecting on his work”.

According to Peter Roberts, Paulo Freire is relatively known in the academic environment in New Zealand, where many courses have used Freire’s texts as references in different areas of knowledge, such as Politics, Sociology, cultural studies, indigenous communities, Nursing and peace studies. Two examples of Paulo Freire’s influence in New Zealand are the symposium organized at the University of Auckland shortly after his death and the international conference hosted by the University of Waikato in 2012.

Besides, New Zealand, like Brazil and many other countries, has undergone a broad process of political reforms based on neoliberalism since the 1980’s. This ongoing process in New Zealand has affected the whole educational sector over the last three decades. Freire’s criticism of neoliberal thoughts has helped to better understand and criticize this context.

There is no doubt that, in Peter Roberts’ intellectual journey, his ideas have often intertwined Paulo Freire’s thought and have re-signified it. His world experiences, his broad and deep readings, his sensitivity to the incoherence of the being and his sense of justice and respect approximate Freire’s ideas in many aspects. His intellectual life has been constituted and influenced by his “fellow traveller”, an affectionate expression used by Peter Roberts in his interview when he clarifies that “I have never seen myself as a ‘follower’ of Freire. Rather, I think of myself as a ‘fellow traveller’”.

Knowledge is composed of practice and reflection. These practices become reflection through reading and constant thinking and re-thinking. In a dialectical movement from reading to writing and from writing to reading, they construct and de-construct ideas and concepts. Roberts writes with both commitment and scientificity, while trying to base his writing on his experiences. Nothing happens by chance, nothing is loose, nothing is unarticulated. Everything happens as the result of much reading, caution and deep reflection, before and after writing. Reading and writing hold hands. They are magnets in knowledge construction.

One of Roberts’ lessons, based on his dialogue with Freire, is that we should never be sure of our certainties. We have to create possibilities so that we can think of distinct social realities in different ways. With Freire, he learned the importance of a structured and intentional dialogue which he tries to promote in his classes. He aims at encouraging his students to ask questions and articulate their ideas and broader social and political concerns.

Professor Peter Roberts has shown severity and commitment in his studies over the years; it can be perceived in the way he expresses his ideas both orally and in his writings. He refuses whatever is simple, immediate and shallow. He is Freire's fellow traveller, but he is still himself, with his incompleteness and divergences.

Finally, we would like to state that having the opportunity to interview Peter Roberts was a great privilege. In a way, we have also become Roberts' fellow travellers. Therefore, we would like to share his interview with the academic community that understand and acknowledges Paulo Freire's legacy to Brazilian Education.

INTERVIEW WITH: MEETING AND DIALOGUING WITH FREIRE

1 – Can you tell us about your first contact with Freire's work?

Peter Roberts – I was introduced to Freire's work by Colin Lankshear at the University of Auckland in the early 1980s. Colin was an important mentor for me and he was an inspiring teacher. Freire appeared near the end of a course he taught (with Jim Marshall) on Western educational thought. I found Freire's ideas immediately engaging and welcomed opportunities to explore them in more depth in later studies.

2 – You have been studying and writing about Freire for several decades. How has your relationship with Freire's work changed over time?

Peter Roberts – Following my first encounter with Freire more than 35 years ago, I've never really stopped reading and reflecting on his work. I published my first paper on Freire in 1989 and over the next three decades completed several books, along with journal articles and chapters. Freire's pedagogical theory has also played a key role in shaping my approach to teaching and supervision at a university level. As it happened, the beginning of my academic career (in 1988) coincided with a remarkably productive period in Freire's writing life. In the decade before his death in 1997, Freire published numerous books, both alone and in collaboration with others, so there was no shortage of new material to engage (see, for example, Freire, 1993, 1994, 1996, 1997, 1998a, 1998b, 1998c; Freire & Faundez, 1989; Freire & Macedo, 1987; Freire & Shor, 1987; Horton & Freire, 1990). Many educationists who hear about Freire are only aware of *Pedagogy of the Oppressed* (Freire, 1972). It is not hard to see why this is regarded as a classic text but it is also important to read Freire's later publications.

As I have noted elsewhere (Roberts, 2010), I have never seen myself as a ‘follower’ of Freire. Rather, I think of myself as a ‘fellow traveller’. As teachers, researchers and citizens, we are all trying to find our way in the world, and Freire can help us on that journey, but that does not mean we need to agree with everything he has written or seek a blueprint for our own activities in the way he lived his life. Freire actively encouraged his readers to adopt a critical posture when encountering his work. For me, as for Freire, such a stance must also be respectful. We need to give an author a fair hearing, seeking out what is potentially valuable in his or her work, while also being willing to ask some searching questions. We should, as Freire would have said, be ready to both challenge and be challenged by what we are reading.

While Freire has been a key figure in my intellectual development, he has not, of course, been the only influence on my work. My reading of other thinkers and novelists such as Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Dostoevsky, Unamuno, Weil, Hesse, Camus, Beauvoir, and Murdoch has helped me to better understand the strengths and limitations of Freire’s work. My earlier publications on Freire addressed themes such as conscientisation (Roberts, 1996a), the distinction between intervention and imposition (Roberts, 1996b, 1999a), structure, direction and rigour in liberating education (Roberts, 1996c), and critical literacy (Roberts, 1996d, 1998, 2005a). I have argued for a holistic, contextualised, anti-technocratic approach in seeking to understand Freire’s work (Roberts, 2000). As my reading of other bodies of scholarship has expanded, I have reflected on Freirean theory in addressing questions relating to difference (Roberts, 2003a), reason and emotion (Roberts, 2008), post modernity (Roberts, 2003b), neoliberalism (Roberts, 2010), higher education (Roberts, 2017a), happiness, hope and despair (Roberts, 2016), and utopia (Roberts & Freeman-Moir, 2013). I’ve also compared Freire’s ideas with those of other writers, both literary and philosophical (Roberts, 2005b, 2007, 2012, 2017b). In my experience, Freire’s work can be helpful in addressing many different problems of significance for educationists.

3 – We observed in some of your articles and books an effort to connect Freire with authors of literary works, which is not very common in Brazil. Could you offer a few comments on this feature of your work?

Peter Roberts – Over the years, a number of philosophers have drawn on literature to address ethical questions (e.g., Cunningham, 2001; Novitz, 1987;

Nussbaum, 1990; Weston, 2001). If ideas matter to us, and if philosophy is to become not merely an academic exercise but a way of life (see Bradatan, 2015; Hadot, 1995), literature provides a helpful complement to traditional non-fiction sources. Many of the best known writers in the existentialist tradition were accomplished in both literary and philosophical domains. These thinkers contribute to ethical understanding not only via their philosophical work but also through their novels, stories and plays (compare, Beauvoir, 1948, 1992, 1997, 2005; Camus, 1958, 1960, 1989, 1991a, 1991b, 2000; Sartre, 1965, 2007; Unamuno, 1972, 1996, 2000). Another more recent example of a respected literary figure who was also a fine philosopher is Iris Murdoch (see Murdoch, 1993, 1999, 2001). Murdoch was a prolific novelist but she also taught philosophy at Oxford and developed a distinctive approach to ethics, based on Simone Weil's (1997, 2001) notion of attention.

For these writers and others, literature only occasionally serves as a vehicle for directly conveying moral principles (e. g., via long philosophical speeches by key characters). More often than not, ethical ideas emerge indirectly through the different elements of setting, character, plot, and dialogue. Philosophers are concerned with developing coherent, cohesive, sound arguments, and they often have to deal with abstractions in doing so. A novelist is not constrained in quite the same way. Literary works focus more on *particulars*; on morality as understood and enacted by specific characters, in given situations and imagined contexts. Reading a novel or a play or a poem does not necessarily make us a 'better person'; there is no direct 'cause and effect' relationship between literature and personal morality or ethical conduct. But sustained engagement with literature can, over time, help us to better appreciate the richness and complexity of human relationships, the challenges we face in addressing moral dilemmas, and the ways in which ideas, decisions and actions are shaped by wider social and cultural circumstances (see Roberts & Saeverot, 2018).

Freirean theory lends itself well to literary analysis, particularly when examining authors who have a strong educational focus in their literary work. Hermann Hesse is a case in point. In his novel *The Glass Bead Game* (Hesse, 2000b), Hesse provides a rich, multi-layered portrait of educational growth. His central character, Joseph Knecht, undergoes what can be seen as a process of conscientisation. He develops an increasingly critical view of Castalia, the fictional society – a 'pedagogical province' of the future – in which he lives. He does not come to this view quickly or on his own. Rather, Hesse shows, through the patient development of his narrative, how Knecht's

formation as a critical being is shaped by his dialogical encounters with others (e.g., Plinio, a visitor from outside the Castalian community, and Father Jacobus, a Benedictine monk). Knecht attains a more nuanced understanding of himself and his world through these relationships.

A persistent theme in Freire's work is the importance of openness – to new ideas, alternative forms of social organisation, and new modes of life (see, for example, Freire, 1976, 1997, 1998b). In *The Glass Bead Game*, Hesse also explores this theme. Through his dialogues with others, Knecht comes to see that Castalians are too closed, too smug, in their views; they lack a sense of history and of their own privileges. Knecht acts on his critical reflections, attempting to persuade other leaders in Castalian society to change, but his colleagues are unable to break with their traditional attitudes and practices. Knecht takes the bold step of leaving everything he has ever known behind, resigning his esteemed position as Magister Ludi (Master of the Game) to take on the task of teaching the son of his former partner in dialogue, Plinio. This is, in Freirean terms, a profoundly courageous move, and there are lessons here for all who 'dare' to teach (Freire, 1998a). Teaching, both Hesse and Freire show, requires commitment in the face of uncertainty. It carries with it a sense of care and responsibility toward others. It is a risky process and demands much of us, not only intellectually but physically and emotionally as well. (See further, Roberts, 2007, 2012.)

FREIRE IN NEW ZEALAND

4 – Do you think Paulo Freire is a well-known author in New Zealand?

Peter Roberts – Many who teach educational studies courses in New Zealand universities will have some familiarity with Freire's work. Freire has also influenced New Zealand scholars and activists in a range of other fields, including theology, politics, sociology, indigenous studies, cultural studies, nursing, rehabilitation studies, social work, and peace studies.

A number of events with a focus on Freire have been held in New Zealand over the years. Two examples are a symposium organised at the University of Auckland shortly after his death and an international conference hosted by the University of Waikato in 2012. Both of these initiatives led to the publication of edited books, one with a particular focus on the relevance of Freire's ideas for educationists in Aotearoa

New Zealand (Roberts, 1999b), the other with a broader focus on Freire's global legacy (Peters & Besley, 2015).

Several notable PhD theses on Freirean themes have also been completed by scholars studying in New Zealand universities. Examples from recent years include David (Keqi) Liu's thesis on the 'conscience' aspect of conscientisation (subsequently published as a book: Liu, 2014), Bernadette Farrell's critique of discourses on student engagement in the light of ideas from Freire and Dewey (Farrell, 2018), and Monica Vahl's Freirean analysis of literacy policy in Brazil from 1971 to 1989 (Vahl, 2018).

5 – What is the relevance of studying Freire in New Zealand?

Peter Roberts –New Zealand, like Brazil and many other countries, has been subject to a wide-ranging process of neoliberal policy reform. This process has been underway in New Zealand since 1984, and the impacts have been felt across the education sector over the last three decades. In tertiary education in particular, there is now a strong emphasis on competition, individualism, performativity, accountability, and economic advancement. Universities now resemble corporations, with management and monitoring practices drawn from the world of business. Knowledge is seen as something to be marketed and sold, and considerable sums of money are devoted to advertising and 'branding'. In his later work, Freire was highly critical of neoliberalism and the ethics of the market. Taking Freire's ideas seriously provides one way of actively exploring social and economic alternatives to neoliberalism.

Freire also has much to offer teachers, at all levels in the New Zealand education system. His pedagogical ideas are built on a robust philosophical foundation, with a well-developed ontology, epistemology and ethic. Freire, through his own example, allows teachers to see how theory and practice can and should be intertwined. He helps teachers to appreciate the importance of key underlying pedagogical principles, without becoming obsessed with methods and techniques. He reminds us to think deeply about the purposes of teaching and learning, and the value of human life.

6 – How do you think that your reading of Freire affects your classes and your students?

Peter Roberts – I would like to think the influence of Freirean ideas is evident in

multiple ways in my teaching, both in undergraduate classes and in my supervision of Masters and Doctoral students. Some of the key ethical and educational virtues Freire espoused – care, commitment, humility, attentiveness, openness, and rigour, for example – provide ideals to which I aspire. There is always more work to do in trying to bring those virtues to life, but that too is one of the lessons Freire taught us: we remain unfinished beings, and our own education must be a lifelong process. From Freire, I have learned the importance of structured, purposeful dialogue, and I try to promote this in university classrooms. I encourage students to ask questions and to make links between the ideas we consider and wider social and political concerns. As Freire frequently noted, there are limits to what education can do, but there is also no doubt that teaching can play a pivotal role in transforming human lives.

7 – Considering the political moment that we are living now, what lessons could we learn from Freire?

Peter Roberts –We live in a so-called ‘post-truth’ age. Freire would say that the pursuit of truth should still matter, as much now as at any other time in human history. He would, however, caution against becoming too certain of our certainties; we must always remain open to the possibility of seeing the world otherwise. In parts of our world today we also see growing divisiveness and hatred; Freire stressed the need for unity in diversity. He wanted us to value our differences and to see them as essential to healthy democratic life. The idea of ‘difference’ is not at odds with the Freirean notion of dialogue; it is central to it. Without difference, there is nothing to push us further in our thinking, nothing to provide the substance for critical reflection and discussion.

A number of educationists have addressed the ‘post-truth’ phenomenon (e.g., Farrell, Angel & Vahl, 2017; Harrison & Luckett, 2019; Horsthemke, 2017; Gibbs, 2019; Peters, 2017) and I’m sure we’ll see many more studies in this area over the next few years. ‘Truth’ will always be relevant in the educational domain, regardless of changes in the way this term is understood by different groups at different times. Freire saw the university as a place where students should encounter and explore competing ideas (see Escobar *et al.*, 1994). Rather than simply accepting at face value information obtained via the Internet, students should be probing more deeply behind surface appearances. ‘Alternative facts’ and ‘fake news’ need to be exposed for what they are: interest-serving lies.

REFERENCES

- Beauvoir, S. de (1948). *The ethics of ambiguity* (B. Frechtman, Trans.). New York: Citadel Press.
- Beauvoir, S. de (1992). *All men are mortal* (L.M. Friedman, Trans.). New York: W.W. Norton.
- Beauvoir, S. de (1997). *The second sex* (H.M. Parshley, Trans.). London: Vintage.
- Beauvoir, S. de (2005). *The Mandarins* (L.M. Friedman, Trans.). New York: Harper Perrenial.
- Bradatan, C. (2015). *Dying for ideas: The dangerous lives of the philosophers*. London: Bloomsbury.
- Camus, A. (1958). *Caligula and three other plays* (S. Gilbert, Trans.). New York: Vintage Books.
- Camus, A. (1960). *The plague* (S. Gilbert, Trans.). London: Penguin.
- Camus, A. (1989). *The stranger* (M. Ward, Trans.). New York: Vintage.
- Camus, A. (1991a). *The myth of Sisyphus and other essays* (J. O'Brien, Trans.). New York: Vintage International.
- Camus, A. (1991b). *Exile and the kingdom* (J. O'Brien, Trans.). New York: Vintage International.
- Camus, A. (2000). *The fall* (J. O'Brien, Trans.). London: Penguin.
- Cunningham, A. (2001). *The heart of what matters: The role for literature in moral philosophy*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Escobar, M., Fernandez, A.L., Guevara-Niebla, G. with Freire, P. (1994). *Paulo Freire on higher education: A dialogue at the National University of Mexico*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Farrell, B. (2018). Dewey, Freire and student engagement: A critique of tertiary education policy in Ireland and New Zealand. Unpublished PhD thesis. Christchurch: University of Canterbury.
- Farrell, B., Angel, M.C.N., & Vahl, M. (2017). Hope and utopia in 'post-truth' times: A Freirean approach. *Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf*, 1(6), 81-97.
- Freire, P. (1972). *Pedagogy of the oppressed*. Harmondsworth: Penguin.
- Freire, P. (1976). *Education: The practice of freedom*. London: Writers and Readers.
- Freire, P. (1993). *Pedagogy of the city*. New York: Continuum.
- Freire, P. (1994). *Pedagogy of hope*. New York: Continuum.
- Freire, P. (1996). *Letters to Cristina: Reflections on my life and work*. London: Routledge.
- Freire, P. (1997). *Pedagogy of the heart*. New York: Continuum.
- Freire, P. (1998a). *Teachers as cultural workers: Letters to those who dare teach*. Boulder, CO: Westview Press.
- Freire, P. (1998b). *Pedagogy of freedom: Ethics, democracy, and civic courage*. Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield.
- Freire, P. & Faundez, A. (1989). *Learning to question: A pedagogy of liberation*. Geneva: World Council of Churches.

- Freire, P. & Macedo, D. (1987). *Literacy: Reading the word and the world*. London: Routledge.
- Freire, P. & Shor, I. (1987). *A pedagogy for liberation*. London: MacMillan.
- Hadot, P. (1995). *Philosophy as a way of life*. (M. Chase, Trans.). Oxford: Blackwell.
- Harrison, N. & Lockett, K. (2019). Experts, knowledge and criticality in the age of alternative facts: Re-examining the contribution of higher education. *Teaching in Higher Education*, 24(3), 259-271.
- Horsthemke, K. (2017). ‘#FactsMustFall?’ – Education in a post-truth, post-truthful world. *Ethics and Education*, 12(3), 273-288.
- Horton, M. & Freire, P. (1990). *We make the road by walking: Conversations on education and social change*. Philadelphia, PA: Temple University Press.
- Liu, K. (2014). *Conscientization and the cultivation of conscience*. New York: Peter Lang.
- Gibbs, P. (2019). Why academics should have a duty of truth telling in an epoch of post-truth. *Higher Education*, Online: <http://dx.doi.org/10.1007/s10734-018-0354-y>, 4 January 2019, 1-10.
- Murdoch, I. (1993). *Metaphysics as a guide to morals*. London: Penguin.
- Murdoch, I. (1999). *Existentialists and mystics: Writings on philosophy and literature*. London: Penguin.
- Murdoch, I. (2001). *The sovereignty of good*. New York: Routledge.
- Novitz, D. (1987). *Knowledge, fiction and imagination*. Philadelphia, PA: Temple University Press.
- Nussbaum, M. (1990). *Love's knowledge: Essays on philosophy and literature*. New York: Oxford University Press.
- Palmer, F. (1992). *Literature and moral understanding: A philosophical essay on ethics, aesthetics, education, and culture*. Oxford: Clarendon Press.
- Peters, M.A. (2017). Education in a post-truth world. *Educational Philosophy and Theory*, 49(6), 653-666.
- Peters, M.A. & Besley, T. (Eds.) (2015). *Paulo Freire: The global legacy*. New York: Peter Lang.
- Roberts, P. (1996a). Rethinking conscientisation. *Journal of Philosophy of Education*, 30(2), 179-196.
- Roberts, P. (1996b). Defending Freirean intervention. *Educational Theory*, 46(3), 335-352.
- Roberts, P. (1996c). Structure, direction and rigour in liberating education. *Oxford Review of Education*, 22(3), 295-316.
- Roberts, P. (1996d). Critical literacy, breadth of perspective, and universities: Applying insights from Freire. *Studies in Higher Education*, 21(2), 149-163.
- Roberts, P. (1998). Extending literate horizons: Paulo Freire and the multidimensional word. *Educational Review*, 50(2), 105-114.
- Roberts, P. (1999a). A dilemma for critical educators? *Journal of Moral Education*, 28(1), 19-30.
- Roberts, P. (Ed.) (1999b). *Paulo Freire, politics and pedagogy: Reflections from Aotearoa-New Zealand*. Dunmore Press: Palmerston North.
- Roberts, P. (2000). *Education, literacy, and humanization: Exploring the work of Paulo Freire*. Westport, CT: Bergin and Garvey.

- Roberts, P. (2003a). Epistemology, ethics and education: Addressing dilemmas of difference in the work of Paulo Freire. *Studies in Philosophy and Education*, 22 (2), 157-173.
- Roberts, P. (2003b). Pedagogy, neoliberalism and postmodernity: Reflections on Freire's later work, *Educational Philosophy and Theory*, 35 (4), 451-465.
- Roberts, P. (2005a). A framework for analysing definitions of literacy. *Educational Studies*, 31(1), 29-38.
- Roberts, P. (2005b). Freire and Dostoevsky: Uncertainty, dialogue and transformation. *Journal of Transformative Education*, 3(1), 126-139.
- Roberts, P. (2007). Conscientisation in Castalia: A Freirean reading of Hermann Hesse's *The Glass Bead Game*. *Studies in Philosophy and Education*, 26(6), 509-523.
- Roberts, P. (2008). Reason, emotion, and politics in the work of Paulo Freire. In C.A. Torres & P.A. Noguera (Eds.) *Social Justice Education for Teachers: Paulo Freire and the Possible Dream* (pp. 101-118). Rotterdam: Sense Publishers.
- Roberts, P. (2010). *Paulo Freire in the 21st century: Education, dialogue and transformation*. Boulder, CO: Paradigm Publishers.
- Roberts, P. (2012). *From West to East and back again: An educational reading of Hermann Hesse's later work*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Roberts, P. (2016). *Happiness, hope, and despair: Rethinking the role of education*. New York: Peter Lang.
- Roberts, P. (2017a). Impure neoliberalism: A Freirean critique of dominant trends in higher education. *Rizoma Freireano*, 22, 1-18.
- Roberts, P. (2017b). Learning to live with doubt: Kierkegaard, Freire, and critical pedagogy. *Policy Futures in Education*, 15(7/8), 834-848.
- Roberts, P. & Freeman-Moir, J. (2013). *Better worlds: Education, art, and utopia*. Lanham, MD: Lexington Books.
- Roberts, P. & Saeverot, H. (2018). *Education and the limits of reason: Reading Dostoevsky, Tolstoy and Nabokov*. New York: Routledge.
- Sartre, J-P. (1958). *Being and nothingness* (H.E. Barnes, Trans.). London: Methuen.
- Sartre, J-P. (1965). *Nausea* (R. Baldick, Trans.). Harmondsworth: Penguin.
- Sartre, J-P. (2007). *Existentialism is a humanism* (C. Macomber, Trans.; J. Kulka, Ed.). New Haven, NJ and London: Yale University Press.
- Unamuno, M. de (1972). *The tragic sense of life in men and nations* (A. Kerrigan, Trans.). Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Unamuno, M. de (1996). *Abel Sanchez and other stories* (A. Kerrigan, Trans.). Washington, DC: Regnery Publishing.
- Unamuno, M. de (2000). *Mist: A tragicomic novel* (W. Fite, Trans.). Chicago, IL: University of Illinois Press.
- Vahl, M. (2018). A pedagogy of oppression: The politics of literacy in Brazil, 1971-1989. Unpublished PhD thesis, University of Canterbury.
- Weil, S. (1997). *Gravity and grace* (A. Wills, Trans.). Lincoln: Bison Books.
- Weil, S. (2001). *Waiting for God* (E. Craufurd, Trans.). New York: Perennial Classics.
- Weston, M. (Ed.) (2001). *Philosophy, Literature and the Human Good*. London: Routledge.